

Perini: ato ou efeito de trabalhar

Larissa Rodrigues de Barros¹

Quando o encontrei, estava sentado encolhido em uma das primeiras mesas da cantina do prédio de Letras, da UFMG. Fui até ele e no minuto que se pôs de pé, virou celebridade. Mario Alberto Perini, ou só Perini, com seus grandes olhos azuis, cobertos por seus também grandes óculos de grau que se apoiavam em suas bochechas rosadas, saiu distribuindo acenos e sorrisos no antigo prédio da Universidade. Antigo mesmo era o elevador, em que fui alertada por ele, antes de entrarmos, que era risco de vida. Fomos ao terceiro e último andar do prédio, onde ele me direcionou a uma porta com seu nome inscrito nela. Entramos e ele confessou que há muito não ia àquele lugar. E então pediu "pode atacar", e na verdade ele atacou:

"Eu acredito cada vez menos em escola. Eu acho que escola é uma instituição que tem grandes potencialidades e não usa. Esta escola aqui é não é diferente - valoriza e idolatra acima de tudo o documento. Avalia o curso por hora/aula, nota e número de avaliações."

Seria ironia vir da boca de alguém que se graduou, deu aula, ajudou e incentivou diversas pessoas, como orientador, e continua nessa mesma escola que critica há anos, só que agora como professor voluntário, dando uma matéria por ano, por puro prazer. Seria ironia. Mas não é, pois é explícito que aquele senhor de cabelos brancos vive um conflito de amor e frustração com a universidade por ali depositar suas expectativas, exigências e todo seu conhecimento adquirido fora do país.

George W. Bush e Perini partilharam aulas na Universidade do Texas, onde o brasileiro foi apenas com seu diploma de graduado debaixo do braço, contrariando os costumes da época, fazer uma pós-graduação e também, mais tarde, seu doutorado.

Foi no Texas que “aprendeu a pensar”. Foram necessários 8.282,44 km para que ele percebesse isso que ele denomina como "defasagem no ensino". Pela primeira vez, ele

¹ Larissa Rodrigues de Barros é egressa do Curso de Comunicação Social da PUC Minas /Coração Eucarístico. Pós-graduanda em Comunicação Digital pelo Instituto de Educação Continuada – IEC PUC Minas.

não era mais o melhor aluno da turma. Lá, precisou criticar Chomsky, um dos grandes linguistas. Mas se achou incapaz de fazê-lo por ser apenas um estudante qualquer e decidiu que iria apenas resumir suas ideias em um texto muito bem elaborado. A professora considerou seu texto uma ótima introdução ao assunto e não deu nota, uma vez que, para ela, a atividade pedida não havia sido feita. Mandou então, que o jovem professor usasse a cabeça e procurasse problemas e críticas. Ele ouviu e nunca mais parou.

Acabou fazendo cinco pós-doutorados, tem hoje 14 livros publicados e vários outros inacabados. Dois desses foram publicados nos Estados Unidos – "A gramática do português brasileiro para americanos" e " Manual de pronúncia brasileira" –, que correspondem a grande parte do prestígio acadêmico do professor; além destes, um publicado na Suíça e o restante no Brasil.

Ele, há muito, não mais replica conteúdo de outras fontes. Estuda e pesquisa, usando sua cabeça. E espera e aconselha o mesmo a seus alunos:

"Eu às vezes dou curso de gramática, que é assim, uma coisa fascinante, imagina? Verbos transitivos. E eu falo com meus alunos o seguinte: se eu colocar uma pilha de gramáticas aqui, inclusive a minha, e você aprender tudo que está ali, você não só não aprendeu gramática, como você nem estudou gramática. Você apenas memorizou aquilo que está no livro, coisa que o computador faz muito melhor que você. O que você tem que fazer é pensar, criticar, procurar problema, ou se você concorda, dizer por que concorda."

Assim como pesou para ele divergir de Chomsky, para a maioria dos alunos pesa divergir de Perini. Mas esta – a dissonância – é sua maior satisfação, desde que com argumentos embasados e frutos do pensamento próprio. Sinônimo de criação e avanço do conhecimento.

Perini é músico, professor, pesquisador, escritor, pai, marido, viajante. Mas se faltasse espaço, diria apenas que Perini é linguista, pois é o papel que assume em tempo integral. Tem a profissão tão inserida em sua vida, que se torna inviável a separação do pessoal com o profissional, coisa que nem ele parece conseguir fazer.

Eu trabalho, tu trabalhas, mas Perini não se cansa.

Antes de ser linguista, a linguística foi Perini. Ele gostava das linguagens, mas sua atenção era direcionada para aquelas antigas, quatro mil anos Antes de Cristo, que originaram todas as demais existentes, e por isso entrou ali, naquele mesmo prédio onde estávamos para se formar e trabalhar com o Latim. Os concursos ainda não eram necessários, por isso, mesmo se dedicando a outra área, foi o escolhido para ocupar um cargo de professor na área da Linguística e, apesar da resistência em aceitá-lo, fez disso sua vida.

Não seguiu seus planos com o Latim, mas aprendeu russo, francês, inglês, espanhol e italiano.

O brilho no olho e o constante interesse pela complexidade e grandiosidade de possibilidades ofertadas pelas linguagens ainda estão em Perini. Prova disso é seu projeto atual, que já vem sendo trabalhado e analisado há quase 10 anos.

As *valências verbais* exigem do professor e sua equipe o estudo de verbo por verbo, para provar a existência de mais tipos destes, classificados, segundo a tradição, apenas nos cinco tipos estudados ainda no colégio: de ligação, transitivo direto, transitivo indireto e intransitivo. Acredita-se que o número de subtipos ultrapassará os 200.

Mas o professor não deixaria de tentar explicar.

"Não são coisas que só os linguistas sabem. Isso qualquer menino de quatro anos sabe. Por exemplo, um menino de quatro anos sabe que você fala assim 'A Larissa entortou o arame', Larissa é agente, quem praticou a ação e o arame paciente, que sofreu a ação. Outro, 'A Larissa comeu a pizza'. Tira o paciente, fica 'A Larissa comeu', ok. Ficou a mesma coisa. Agora tira o arame, 'A Larissa entortou'. Agora quem ficou torta foi a Larissa. Ela que é a paciente. Está vendo como são diferentes os verbos? Em uma frase se você tira o paciente, sobra o agente e em outra se você tira o paciente, sobra o paciente. O agente some, porque ninguém falou quem entortou a Larissa."

Não duvidaria que tivesse uma gramática ao lado da cama, mas o próprio Perini assume como sua principal característica o amor pela profissão. Para seus fãs do prédio, uma vez branco, da Faculdade de Letras, talvez a inteligência fosse a primeira palavra a ser dita, mas, para ele, certamente o amor e a sorte de fazer o que gosta e ainda ser pago por isso. A preguiça também faz parte de sua personalidade, mas só para dizer que protela somente tarefas consideradas necessárias de que ele não gosta. E, se tem uma mania, é a de trabalhar em casa. Novamente trabalhar.

E tem ainda Lúcia Fulgêncio, que hoje é esposa e parceira de pesquisas, mas um dia já foi aluna e orientanda de Perini. Ela é também professora na Faculdade de Letras da UFMG, onde ensina italiano. É com ela e seus quatro gatos que Perini mora, em uma região privilegiada da cidade de Belo Horizonte, onde passa grande parte de seu tempo.

E diria até que é coisa de sangue. Seu filho mais velho, fruto de um casamento anterior, segue os mesmos passos do pai. Trabalha na UFMG, fez pós-graduação nos Estados Unidos e ama a vida acadêmica em que está inserido. A área e o prédio são outros, o Instituto de Ciências Biológicas, mas a ânsia de trabalhar é a mesma. Seguindo assim, com a grandiosidade do nome Perini dentro das paredes da escola a qual tanto fala.

Sentindo-se "espremido", Mario Alberto Perini me aconselhou que se quisesse saber mais, perguntasse a seus inimigos, mas acredito ser difícil encontrar um. Quem seria capaz de odiar esse simpático senhor de bochechas rosadas, que toca flauta aos finais de semana e tem ciúmes dos gatos da mulher? Que é só sorrisos e fala de um jeito doce enquanto fica com suas mãos inquietas? Que se preocupa com seus filhos de 36 e 40 anos?

Eu não encontrei, e nem gostaria.

Publicações do autor:

- *A Gramática Gerativa: Introdução ao Estudo da Sintaxe Portuguesa*, Belo Horizonte, VIRGÍLIA, 1976, 254 p.
- *Gramática do Infinitivo Português*, Petrópolis, VOZES, 1977, 184 p.
- *Para Uma Nova Gramática do Português*, São Paulo, ÁTICA, 1885, 98 p.

- Sintaxe Portuguesa - Metodologia e Funções, São Paulo, ÁTICA, 1989, 240 p.
- Gramática Descritiva do Português, São Paulo, ÁTICA, 1995, 380 p.
- Sofrendo a Gramática - Ensaio Sobre a Linguagem, São Paulo, ÁTICA, 1997, vol.1 90 p.
- Modern Portuguese: a reference grammar. Yale University Press, 2002.
- Talking Brazilian. Yale University Press, 2003.
- A Língua do Brasil Amanhã, PARÁBOLA EDITORA, 1 ed. 2004, 176 p.
- Princípios de Linguística Descritiva, 1 ed. São Paulo: Parábola Editora, 2006, 205 p.
- Estudos de Gramática Descritiva: as Valências Verbais, 1 ed São Paulo: Parábola Editora, 2008, vol 1, 398 p.
- Gramática do Português Brasileiro, 1 ed São Paulo, PARÁBOLA EDITORA, 2010, vol 1, 368 p.
- Describing verb valency: practical and theoretical issues. Cham, Switzerland: Springer, 2015.

Sobre o entrevistado:

Mário Alberto Perini possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (1967) e doutorado pela University of Texas (1974). Atualmente é professor voluntário da Universidade Federal de Minas Gerais, tendo sido professor na UFMG, na PUC-Minas, na UNICAMP e nas universidades de Illinois e Mississippi. Atua na subárea de Teoria e Análise Linguística, com concentração em português brasileiro falado, sintaxe, ensino de português e gramática de construções.

Texto informado pelo autor na Plataforma LATTES. Para conhecer mais sobre o trabalho do professor, você pode acessar o seu currículo <http://lattes.cnpq.br/0127519070588616>